

EXPERIÊNCIAS ANÔMALAS DE UM GRUPO DE ALUNOS DO PPGEGC- UFSC E A CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO: UMA VISÃO A PARTIR DA BIOLOGIA DO CONHECER

Jussara Paraná Sanches Figueira;¹

Francisco A. P. Fialho²

Abstract: *Anomalous experiences is the present-day and scientific term for what has been called paranormal phenomena, or parapsychological, or extra-sensorial, or psy, or mediunic. The purpose of this article was to understand how anomalous experiences can be considered knowledge experiences. Eight students from the postgraduate course in Engineering and Knowledge Management - UFSC, who claimed to have had some kind of anomalous experience, and who wanted to participate voluntarily in the study, were informants. The data were collected through unstructured interviews, in depth, and analyzed by thematic analysis. There was no generalization of the results, given the qualitative nature of the research. The conclusion was that the reported experiences are explanatory descriptions of a loving and desirable nature and have cognitive value.*

Keywords: *anomalous experiences; knowledge biology; knowledge creation.*

Resumo: *Experiências anômalas é a expressão atual e científica para o que tem sido chamado de fenômenos paranormais, ou parapsicológicos, ou extra-sensoriais, ou psi, ou mediúnicos. O objetivo deste artigo foi compreender como experiências anômalas podem ser consideradas experiências de conhecimento. Foram aceitos como informantes 8 alunos do curso de pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento - UFSC, que afirmaram ter vivido algum tipo de experiência anômala, e que quiseram participar voluntariamente do estudo. Os dados foram levantados através de entrevistas não estruturadas, em profundidade, e analisados por análise temática. Não houve generalização dos resultados, dada a natureza qualitativa da pesquisa. A conclusão foi a de que as experiências relatadas são descrições explicativas de natureza amorosa, desejável, e de valor cognitivo.*

Palavras-chave: *experiências anômalas; biologia do conhecer; criação de conhecimento.*

¹ Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis - Brasil. Email: diretoria@baobahlabs.com

² Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis - Brasil. Email: fapfialho@gmail.com

1INTRODUÇÃO

Este artigo é uma adaptação de parte da pesquisa em andamento da tese de doutorado da primeira autora, em Engenharia e Gestão do Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina - Experiências “anômalas” de alunos de um curso de pós-graduação: uma interpretação a partir da Biologia do Conhecer (2020); uma pesquisa científica de campo, interpretativista, do tipo fenomenológica, com a abordagem da Fenomenologia da Prática, de Max van Manen (MAX VAN MANEN, 2016, p. 212).

Van Manen propõe a expressão Fenomenologia da Prática para descrever a pesquisa de abordagem fenomenológica das experiências humanas vividas, conforme vividas, prerefletidas, ou seja, das experiências “em si” e de seus significados para aqueles que as vivem.

A abordagem tem como foco não apenas as práticas profissionais, mas também as práticas sociais e pessoais da vida cotidiana (VAN MANEN, 2016, p. 213).

Através de contato direto, perguntando em salas de aula, identificamos com facilidade 8 alunos da Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento PPGEKC - UFSC³, matriculados a partir de 2016, que reconheceram ter vivido experiências “anômalas”⁴ em diferentes momentos de suas vidas, e que desejaram participar voluntariamente da pesquisa.

Os informantes não estão identificados no artigo; seus nomes foram substituídos por nomes fictícios. Realizamos entrevistas em profundidade, não estruturadas, sem duração predefinida, e em separado, com cada um dos informantes.

Solicitamos a cada um que nos descrevesse suas experiências vividas em detalhes. Terminada a descrição, procuramos aprofundar os elementos que nos ajudariam a atingir o objetivo da pesquisa: a partir da teoria da Biologia do Conhecer⁵, compreender como

³ Ao contrário da metodologia quantitativa, a metodologia qualitativa, como a adotada aqui, prevê poucos informantes (não mais de 10), em função da quantidade de dados qualitativos que se obtém nas entrevistas, e à profundidade da análise dos mesmos. No entanto, diferentemente da pesquisa científica quantitativa (que privilegia o número de participantes e tem valor estatístico), a pesquisa qualitativa é considerada científica, mas não permite generalização estatística de seus resultados.

⁴ Experiências anômalas é a expressão atual e científica para o que tem sido chamado de fenômenos paranormais, ou parapsicológicos, ou extra-sensoriais, ou psi, ou mediúnicos; são as supostas “telepatia”, “clarividência”, “precognição”, “viagem astral”, “curas a distância”, “práticas divinatórias”, entre outras. “Experiências psi são anômalas na medida em que se referem a interações entre organismos e seu ambiente que aparentemente desafiam os construtos científicos de tempo, espaço e energia” (MACHADO, 2009, p. 10).

⁵ Teoria de H. Maturana (médico e biólogo) e F. Varela (filósofo e biólogo). Apesar de suas origens datarem da década de 1970, a Biologia do Conhecer traz conceitos fundamentais para a compreensão do mundo natural, mas,

experiências anômalas podem ser consideradas experiências de conhecimento. Para isso, não seguimos roteiro predefinido.

2 DISCUSSÃO DOS ACHADOS

Apresentamos os informantes⁶ da pesquisa: Natasha – 44 anos; Leocádia – 43 anos; Lélío – 51 anos; Daniel – 54 anos; Cláudia – 38 anos; Fred – 44 anos; Débora – 55 anos; e Alice – 51 anos. Suas experiências anômalas, conforme descritas, foram referidas a “antecipações de futuro ou precognição”, “telepatia⁷”, “viagem astral⁸”, “psicocinese”⁹, “cura a distância”, “voz externa que orienta”, entre outras.

Passamos agora a descrever alguns aspectos dessas experiências perceptivas do ponto de vista da Biologia do Conhecer.

2.1 O AMOR E O CONHECIMENTO NA EXPERIÊNCIA

Maturana atribui ao amor um papel central e definidor para a evolução humana, de um ponto de vista biológico. Essa seria a natureza biológica básica do Homo Sapiens, a quem o autor sugere chamar de Homo Sapiens Amans, e a quem atribui o adoecimento da espécie, nas circunstâncias em que sua natureza amorosa fique impedida de se manifestar (MATURANA, 1997).

Eu afirmo que a emoção que guiou o devir evolutivo que nos deu origem como Homo Sapiens é o amor, como a emoção que funda o social. E penso que é o viver no amor como a emoção que constitui o social, o que tornou possível a intimidade na convivência, que deu origem ao linguajar (...). Os mamíferos são animais amorosos e

principalmente, do mundo humano, e suas ideias continuam inovadoras, servindo de referência para muitos estudos científicos. Nela, a experiência ocupa papel central para a compreensão dos processos de conhecimento (MATURANA, 1997, 2001, 2005, 2014a, 2014b, MATURANA; VARELA, 2003, 2011, MATURANA; PÖRKSEN, 2004).

⁶ Os 8 alunos do PPGEHC, que daqui em diante passamos a chamar de observadores/informantes.

⁷ Suposta comunicação direta entre mentes (RADIN, 2013).

⁸ Suposto tipo de viagem e transporte mental, fora do corpo.

⁹ Influência da mente na matéria sem o uso de forças conhecidas (RADIN, 2013), ou suposta movimentação de objetos com a força da mente.

seduzíveis ao conviver amoroso pelo menos na infância. Mas, entre os mamíferos, nós somos particulares porque somos animais amorosos toda a vida, e adoecemos quando se interfere com nosso viver amoroso em qualquer idade (MATURANA, 1997, p. 131, tradução nossa).

Maturana e Varela (2011, p. 269) entendem o amor como sendo a emoção que nos permite “a aceitação do outro junto a nós” e o “fundamento biológico do fenômeno social”.

Em outras palavras, o amor seria a emoção que definiria o campo cognitivo e de ação de reconhecimento da existência do outro como um outro, diferente de mim; e nesse reconhecimento, o interesse e o movimento de ir ao encontro desse outro, constituindo o chamado fenômeno social, cuja existência caracteriza a espécie humana.

Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera (MATURANA; VARELA, 2011, p. 269).

Em 2014a, p. 45 (tradução nossa), Maturana complementa:

O amor é o domínio daquelas condutas relacionais através das quais um outro surge como um outro legítimo em coexistência consigo mesmo sob qualquer circunstância. O amor não legitima o outro, o amor deixa o outro tranquilo apesar de vê-lo e implica atuar com ele de um modo que não necessita justificar sua existência na reação.

Maturana (2005, p. 15) entende as emoções como: “disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação. (...) **quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer**”.

Como escreve Maturana (2001, p. 129), “se queremos compreender qualquer atividade humana, devemos atentar para **a emoção que define o domínio de ações** no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver **quais ações são desejadas** naquela emoção”. Aqui, o autor oferece um critério lógico fundamental para a compreensão de qualquer experiência humana, onde podem se incluir também as chamadas experiências “anômalas”.

Refletimos sobre qual seria a emoção humana mais central, presente e definidora do campo de vivência e cognição das experiências “anômalas” dos observadores/informantes.

Analisando os achados, encontramos vários trechos que exemplificam o campo dessas experiências “anômalas” como um domínio cognitivo e de ações, em que fica claro o interesse e a busca pelo outro, um outro aceito pelo que é, do modo como se apresenta, e a quem não se exige justificar a existência.

Em todas as situações, não há negação do outro pelos observadores/informantes, seja o outro quem seja, e que características tenha. Todos são aceitos, contactados, e não são questionados por sua existência/aparição; não há cenas de competição, nem de posse da verdade. Todos os personagens têm seu lugar, sem qualquer conflito entre eles.

Alguns exemplos de trechos que ilustram as interpretações acima:

Leocádia -

Toda cena, por exemplo, um acidente de carro, alguém, eu via o carro, eu via a pessoa, o estado que ela tava. E lá naquela cena eu interferia, **eu dava a mão pra pessoa, eu acalmava ela**, ou **ajudava ela a ter força** pra vir o resgate, vir o auxílio. De alguma forma acontecia alguma intervenção que nem sempre a memória vinha de forma clara, né. (...). Eu acho que **consigo interferir em alguma tragédia**, eu não, isso é uma coisa um pouco mais complicada de explicar.

Mas veio uma senhora que eu, naquele momento, sabia que era a avó dele. Veio de algum lugar da lateral, ela não tava aqui como nós, e levou ele embora com ela. **Ele já tava calmo e foi uma coisa boa que aconteceu, ela vindo buscá-lo, foi bonito.**

Lélio -

Aquela bola vem na direção da pessoa que tava sentada na minha frente, e eu faço um movimento de **proteger aquela pessoa** (...). Iria bater nas costas da pessoa que estava na minha frente, eu faço aquele movimento e a bola, ela muda de direção e se encaixa.

Cláudia -

É uma voz de verdade falando. Escuto diariamente. (...). Hoje eu já percebo que é uma voz feminina que fala comigo, e é uma voz de alguém que é mais velha do que eu, digamos assim. A voz é de uma pessoa (...) madura, mas não tão madura. Não é um velho, por exemplo,

não é uma velha. É alguém que tem um pouco mais de idade do que eu. **E uma voz feminina, isso eu já consegui identificar, estabelecer, entender, né, compreender, aceitar.**

Fred -

Ele respirou, sorriu e falou pra gente que tava do lado dele: **‘tô curado... não sinto nada mais de ruim, estou bem’**. Aí no dia seguinte, **acordei contente**, porque lembrei da situação, **tranquilo**, como **não podia me comunicar com ninguém, mas passei o dia contente.**

Débora -

E eu fiquei com aquilo, e de repente eu sonhei com o jogo. Eu sonhei com a estratégia do jogo, com o objetivo do jogo, **partilhei com o grupo e a gente começou a trabalhar em cima disso.**

Daniel -

Um sentimento que veio em todos esses momentos, em todas essas experiências, era o sentimento de **paz**. Era uma coisa formidável (...). Você não tem **medo de absolutamente nada**. É uma sensação de **êxtase sem igual**. Você não tem medo, se aquilo ali eventualmente você interpreta que é o que tem depois da porta da morte, você quer ir pra lá, não quer voltar.

De acordo com a compreensão da Biologia do Conhecer, podemos responder à pergunta feita anteriormente, afirmando então que a emoção definidora do domínio, ou campo de ações e cognição, de ocorrência das experiências “anômalas” dos observadores/informantes é o amor. Foi na presença central do amor, e definidas por ele, que essas experiências, na categoria de ações ou atividades humanas, como Maturana as chamaria, puderam acontecer.

Chamamos a atenção ainda para 3 trechos específicos que sugerem, por parte desses observadores/informantes, uma capacidade de integração entre os modos de operar, que Maturana denomina de (a) pensar local de causalidade linear e (b) pensar analógico sistêmico.

O pensar analógico é um pensar racional da racionalidade analógica sistêmica, e não da racionalidade linear causal (...). O pensar analógico é um pensar poético que surge da aceitação da legitimidade da inclusão da vida humana no âmbito natural, e que

capta as coerências sistêmicas da existência na biosfera¹⁰ e no cosmos¹¹ (...). Nosso viver humano ocorre tão centrado na linearidade de um pensar de racionalidade causal, que nos inclinamos a desdenhar do pensar analógico sistêmico (MATURANA, 1997, p. 133).

Segundo o autor, estamos acoplados a uma cultura, uma biosfera e um cosmos, de maneira sistêmica. E que é o amor, a emoção que permite ao ser humano um pensar centradamente analógico, sistêmico, e um poder de reconhecimento de si mesmo como parte da cultura, da biosfera e do cosmos, incluídos aí todos os outros seres humanos e não humanos que interagem com ele na criação de seu mundo.

A emoção que torna possível viver centrado em um pensar de racionalidade analógica é a que constitui a confiança implícita nas coerências sistêmicas do mundo natural a que pertence, e essa emoção é o amor (MATURANA, 1997, p. 134-5, tradução nossa).

Citamos abaixo os 3 trechos específicos de relatos que mencionei acima, e que mais uma vez, sugerem uma experiência amorosa. De acordo com a visão de Maturana, podemos afirmar que são descrições de experiências típicas de operacionalização de racionalidade analógica e sistêmica, onde os observadores/informantes operam como partes integradas da biosfera, sem qualquer conflito ou dificuldade.

Lélio -

Surgiu e surgiu relacionado ao voo dos pássaros que me acompanhavam às vezes no caminho. Então, eu caminhando, **eu observava determinados pássaros voando** e aquela observação, **eu sabia o que ia acontecer** naquela noite.

¹⁰ Entende-se aqui por biosfera o conjunto dos ecossistemas do planeta Terra.

¹¹ Cosmos, sinônimo de universo.

É o que eles chamam de mediunidade de **efeitos físicos ou telecinese**, né, de você, com teu, usam às vezes essa palavra, teu magnetismo, enfim, a tua energia, **você move um objeto (no caso, a bola que foi desviada)**.

Daniel -

Experiência de estar suado numa academia, de repente olhar assim e o vento estar parado. E você chegar assim: **‘se eu sou filho do homem, então, que venha vento’**, e começar a entrar uma rajada de vento na janela da academia, coisas assim, **como se você tivesse interferindo no físico, no mundo físico**.

Maturana afirma ainda que é preciso pensar essencialmente a partir de uma racionalidade analógica/sistêmica, pois, “a partir do pensar linear causal, não se vê que na dinâmica sistêmica, os domínios separados podem operar em coerências estruturais, sem que haja relações causais entre eles” (MATURANA, 1997, p. 135, tradução nossa).

Sobre a última parte da pergunta que procuramos responder, formulada ao final do capítulo anterior, ou seja, se essas experiências “anômalas” são ações desejáveis, passamos a refletir agora sobre seu caráter cognitivo.

Se as experiências “anômalas” retratadas são ações que surgem a partir de um domínio fundamentado e definido pelo amor, e se é também o amor a emoção que permite ao ser humano um pensar centradamente analógico e sistêmico, o que dizer sobre a capacidade desses observadores/informantes (que operam a partir desse domínio amoroso) de pensarem/conhecerem seu mundo? Em outras palavras, o que dizer sobre o acesso a conhecimento no contexto dessas experiências? E sobre a desejabilidade dessas ações supostamente cognitivas?

Passamos nesse momento ao próximo capítulo, onde discutimos os resultados da pesquisa em relação a essas e a outras questões.

2.2 A EXPERIÊNCIA ANÔMALA E A CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO

Maturana propõe a compreensão do fenômeno perceptivo a partir do caminho explicativo do que chama de objetividade “entre parênteses”:

O fenômeno que conotamos com a palavra percepção não consiste na captação, pelo organismo, de objetos externos a ele, como implica o discurso usual da neurofisiologia e da psicologia. Tampouco, consiste na especificação, por parte do meio, de mudanças no organismo, resultando em que esse organismo opere com base numa representação do meio na geração de sua conduta. Ao contrário, o fenômeno conotado pela palavra percepção consiste na configuração que o observador faz de objetos perceptivos, mediante a distinção de cortes operacionais na conduta do organismo, ao descrever as interações desse organismo no fluir de sua correspondência estrutural no meio (MATURANA, 2014b, p. 85).

Nessa perspectiva, o autor afirma sua tese de que não há objetos perturbadores de existência independente. O que acontece no processo da percepção é uma interação entre o organismo e seu meio, de forma tal que, o organismo ganha um papel ativo no processo, pois é ele quem configura os objetos perceptivos, é ele quem os constitui, dessa ou daquela maneira, conforme sua própria estrutura prévia define e se deixa modificar.

Assim, tudo que é percebido e dito é percebido e dito por alguém específico, por um organismo/observador específico e determinado, e acontece em função de sua estrutura biológica específica e determinada naquele momento (MATURANA; VARELA, 2011).

Maturana (2014b) compreende que o estudo dos fenômenos cognitivos é o estudo dos fenômenos perceptivos, e que não se pode “explicar os fenômenos cognitivos, inclusive a linguagem, como fenômenos associados a uma função conotativa ou denotativa de uma realidade independente do observador”, e define:

O estudo dos fenômenos perceptivos como fenômenos cognitivos é, portanto, o estudo de distintos momentos recorrentes do fluir estrutural do organismo acoplado ao fluir estrutural do meio, como momentos de uma história de interações, que implica na conservação da correspondência estrutural entre organismo e meio (MATURANA, 2014b, p.85).

Feita esta introdução teórica, procuramos entender, então, como se apresenta o fenômeno cognitivo no contexto de percepção das experiências “anômalas”, relatadas pelos observadores/informantes específicos desta pesquisa, em função de suas estruturas.

Se as experiências “anômalas” retratadas são ações que surgem a partir de um domínio fundamentado e definido pelo amor, e se é também o amor, a emoção que permite ao ser humano um pensar centradamente analógico e sistêmico, o que dizer sobre a capacidade desses observadores/informantes (que operam a partir desse domínio amoroso) de pensarem/conhecerem seu mundo? Em outras palavras, o que dizer sobre o acesso a conhecimento no contexto dessas experiências? E sobre a desejabilidade dessas ações cognitivas?

Primeiramente, devemos dizer que, para transcender um possível pensamento linear causal limitante, e enxergar além a respeito dessas questões, tentamos adotar aqui uma perspectiva centradamente analógica e sistêmica, dentro de uma concepção de objetividade “entre parênteses”, segundo recomendação de Maturana (1997).

As experiências relatadas são experiências de percepção e, portanto, de interação com o mundo. Como afirma Maturana (2014a, p. 188, tradução nossa), “o fenômeno do conhecer não é um fenômeno neurofisiológico, mas da relação entre um organismo e a circunstância na qual conserva organização e adaptação”.

Dessa maneira, concluímos que, de acordo com a Biologia do Conhecer, conhecimento é percepção; conhecimento é experiência; conhecimento é ação; conhecimento é processo.

Nesse cenário, podemos afirmar que os observadores/informantes, em suas experiências “anômalas”, operam a partir de um domínio definido pelo amor, portanto, também operam como percebedores em interação analógica (poética) e sistêmica com seu meio. E que, como percebedores, protagonizam fenômenos de cognição de seu mundo, enquanto mantém sua organização e adaptação. Todos os observadores/informantes são estudantes de pós-graduação e considerados minimamente saudáveis e adaptados socialmente¹², dentro de seus domínios.

Para a Biologia do Conhecer, “o observador confere conhecimento a outro observador ou organismo num domínio particular, quando ele ou ela aceita como adequado ou efetivo o comportamento ou ação daquela pessoa ou organismo naquele domínio” (MATURANA, 2014b, p. 351). Isso significa dizer que, o conhecimento não é um valor absoluto, “é um

¹² Aqui, as expressões saudáveis e adaptados referem-se ao sentido que Maturana e Varela (2011) atribuem aos organismos vivos: àqueles que mantêm sua organização (características físicas e fisiológicas do ser humano) e àqueles que convivem em coerência com seu meio a partir de sua estrutura (características pessoais, sociais) respectivamente.

comportamento aceito como adequado por um observador num domínio particular que ele ou ela especifica” (MATURANA, 2014b, p. 351).

“Falamos em conhecimento toda vez que observamos um comportamento efetivo (ou adequado) num contexto assinalado. Ou seja, num domínio que definimos com uma pergunta (explícita ou implícita) que formulamos como observadores” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 195). Aqui, os autores definem conhecimento como comportamento, isto é, como ação perceptiva, como experiência em si, como processo em si; e não como resultado ou produto de algum processo. O conhecimento e o conhecer se confundem no processo da prática de viver.

Segundo Maturana (1997), voltamos a lembrar que podem haver tantos domínios cognoscitivos quanto pessoas no planeta; portanto, não há como afirmar que os observadores/informantes não estejam acessando conhecimento dentro de seu domínio de operação, enquanto interagem no mundo e com o mundo.

Quando fazemos essa afirmação, não nos referimos apenas ao acesso a informações consideradas como válidas, reais ou mesmo úteis, como poderiam ser analisadas dentro de outros domínios cognoscitivos, como por exemplo, se o cachorro veio ou não a morder o pai de Leocádia; se os pólipos no útero de Cláudia desapareceram ou não; se o que Lélío enxergou no voo dos pássaros “de fato” lhe trouxe informações sobre o que iria acontecer à noite, entre outras questões.

Maturana e Varela escrevem:

Não se pode tomar o fenômeno do conhecer como se houvesse ‘fatos’ ou objetos lá fora, que alguém capta e introduz na cabeça. A experiência de qualquer coisa lá fora é validada de uma maneira particular pela estrutura humana, que torna possível ‘a coisa’ que surge na descrição (MATURANA; VARELA, 2011, p. 31)

“O fenômeno do conhecer é um todo integrado e está fundamentado da mesma forma em todos os seus âmbitos” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 33). Para Maturana e Varela (2011), “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 32), já que existe uma circularidade ou um encadeamento constante entre ação e experiência, ou seja, entre o fazer e o como perceber o mundo.

“Essa circularidade, esse encadeamento entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, nos diz que todo ato de

conhecer faz surgir um mundo”. “Quando falamos aqui em ação e experiência, não nos referimos somente àquilo que acontece em relação ao mundo que nos rodeia no plano ‘físico’. Essa característica do fazer humano se aplica a todas as dimensões do nosso viver” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 31-32).

Assim, ao refletirmos sobre os relatos dos observadores/informantes e sua experiência cognitiva no contexto de suas experiências “anômalas”, observamos que usamos o termo “acesso” a conhecimento. Mas, dentro dessa concepção de Maturana e Varela (2011), o conhecimento é passível de ser simplesmente acessado?

Entendemos que, segundo a Biologia do Conhecer, o conhecimento é sempre criado, nos momentos de interação. Ele não existe *a priori* para ser acessado, ou pelo menos, não para os seres vivos desse planeta, já que todos eles dependem de suas características de organização e de estrutura próprias para poderem operar.

Quando Maturana e Varela (2011, p. 31) dizem que “a experiência de qualquer coisa lá fora é validada de uma maneira particular pela estrutura humana, que torna possível ‘a coisa’ que surge na descrição”, deixam claro que, do encontro entre o observador e o que seja seu mundo, surge “uma coisa”, portanto, um objeto novo de conhecimento.

Quando escrevem também que “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” e que “todo ato de conhecer faz surgir um mundo”, resumem e complementam a tese acima. Dessa forma, apoiados por essa compreensão teórica, concluímos que não, as experiências “anômalas” não são experiências de acesso simples a conhecimento, senão, experiências de criação de novos conhecimentos.

Neste sentido, perdem qualquer importância as perguntas que formulamos e suas respostas sobre se, “de fato”, houve antecipações de futuro, como nos relatos de Cláudia, Leocádia ou Lélío.

Isso acontece porque, primeiramente, não se pode analisar o que ocorre dentro de um domínio, a partir de critérios e premissas de um outro domínio: ou existem “fatos” independentes do observador, ou não existem; ou existe conhecimento *a priori* para ser acessado, ou conhecimento é sempre uma criação. É possível que se opere em diferentes domínios em momentos diferentes, mas não é possível compreender o que ocorre em um determinado domínio, quando se está operando a partir de outro.

E em segundo lugar, isso acontece porque a afirmação sobre o fenômeno da criação de novos conhecimentos nesse contexto independe dessas respostas.

Assim também, por exemplo, não importa se houve, “de fato”, relação causal entre o desejo de Daniel sobre o vento, ou o desejo de Lélío sobre o percurso da bola. Do mesmo modo, com os demais observadores/informantes, já que, como propõe Maturana, repetimos: “a partir do pensar linear causal, não se vê que na dinâmica sistêmica, os domínios separados podem operar em coerências estruturais, sem que haja relações causais entre eles” (MATURANA, 1997, p. 135, tradução nossa).

A expressão “de fato”, dentro do grande domínio da linguagem, não pertence ao domínio cognoscitivo de ocorrência das experiências “anômalas”; nele, “fatos” não existem como tal e não têm valor absoluto. A expressão diz respeito a domínios cognoscitivos em que explicações ou descrições explicativas seguem critérios de objetividade “sem parênteses”.

Na perspectiva da objetividade “entre parênteses”, a natureza dos “fatos” é inteiramente dependente do olhar pessoal e do conhecimento que cada observador cria, em sua interação com seu mundo, lembrando novamente que aqui conhecimento é processo, e não resultado de um processo ou produto dele.

De alguma forma particular, “de um modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica” (MATURANA: VARELA, 2011, p. 22), cada um dos observadores/informantes criou conhecimento ao viver suas experiências, e experimentou a criação de um mundo, sobre o qual escrevo aqui. Desse encontro, é certo que “coisas surgiram”, “coisas” que, ao serem relatadas a nós, no contato conosco, também foram recriadas, já que uma explicação é sempre “uma reformulação do fenômeno por explicar” (MATURANA, 2014a, p. 81, tradução nossa).

A respeito dos observadores/informantes desta pesquisa, podemos dizer que da experiência deles com o outro, visível ou não visível, tangível ou não, seja esse outro uma pessoa, um animal, o vento ou uma sombra, criou-se conhecimento.

Só não se produz conhecimento diante do fenômeno da certeza. “Toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro, numa solidão que só é transcendida no mundo que criamos junto com ele” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 22).

Resta ainda uma última pergunta sem resposta: experiências “anômalas” são ações desejáveis?

Compreendemos que, na perspectiva da Biologia do Conhecer e de seus critérios, diante de seu valor cognitivo, as experiências “anômalas”, sim, são ações desejáveis. São expressão da existência de um domínio cognoscitivo de criação de conhecimento, como vários outros, e devem ser assim consideradas pela sociedade em todas as suas dimensões.

Uma vez que constituímos a realidade com nossas distinções, uma distinção que um observador vê como uma ilusão ou como sinal de loucura por não a tomar como uma possibilidade de ações novas aceitáveis em seu domínio de escuta, pode ser um ato de criação se ela se torna para o mesmo, ou para outros observadores, o fundamento de um novo domínio de consensualidade e, portanto, de um domínio cognitivo novo numa comunidade de observadores (MATURANA, 2014b, p. 352).

Na mesma linha, devemos chamar a atenção para o pensamento de Maturana (1997), no sentido explícito do adoecimento de nossa espécie, quando impedida de viver o amor, emoção que fundamenta seu processo evolutivo.

Assim, na mesma perspectiva, podemos afirmar que as experiências “anômalas” vividas, e aqui relatadas, além de criadouros de conhecimento, são também expressão amorosa; e por isso, são totalmente desejáveis e não devem ser reprimidas ou desestimuladas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer nossas considerações finais, retomamos o que inicialmente definimos como a pergunta de pesquisa: sob o ponto de vista da Biologia do Conhecer, de que modo experiências “anômalas” de alunos de um curso de pós-graduação podem ser interpretadas como experiências de conhecimento?

Procuramos responder à pergunta acima através dos capítulos 2.1 e 2.2. Assim foram definidos os capítulos: o amor e o conhecimento na experiência; e, a experiência anômala e a criação de conhecimento.

Concluimos que, sob o ponto de vista da Biologia do Conhecer, as experiências “anômalas” de um grupo de alunos do PPGEHC podem ser interpretadas como experiências de criação de conhecimento. E ainda, que as experiências relatadas são descrições explicativas de natureza amorosa e desejável.

Dentro desse paradigma, nossa visão é a de que essas últimas têm as mesmas características e em nada diferem de quaisquer outras experiências humanas, vividas como ações provenientes de domínios fundamentados no amor; são experiências corriqueiras de percepção, criação de realidades e de conhecimento.

Para próximos estudos, sugerimos pesquisas que procurem responder as seguintes perguntas: quando pessoas operam a partir de domínios amorosos, aumentam a probabilidade de ocorrência de experiências “anômalas”? Essas ocorrências podem ser intencionais para a criação de conhecimento? Como? Do ponto de vista da Biologia do Conhecer, de que formas esses conhecimentos criados podem interessar aos indivíduos e às sociedades do conhecimento?

A procura de respostas para perguntas como essas, pensamos que estaremos criando uma nova linha de investigação, tanto para o campo das chamadas experiências “anômalas”, mas, principalmente, quanto para o campo de estudo do conhecimento.

4 AGRADECIMENTO

Os autores agradecem a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil, pela bolsa de doutorado oferecida ao primeiro autor. Essa fonte de recurso não foi envolvida na execução das atividades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Machado, F. R. (2009) *Experiências anômalas na vida cotidiana: experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*. 2009. 344 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Maturana, R. H. (1997) *La objetividad: um argumento para obligar*. Santiago: Dolmen Editores.
- Maturana, R. H. (2001) *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, R. H. (2005) *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 4a. ed.
- Maturana, R. H. (2014a) *Transformación en la convivencia*. Buenos Aires: Granica.
- Maturana, R. H. (2014b) *A ontologia da realidade*. MAGRO, C.; GRACIANO, M. e VAZ, N. (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2a. ed.

- Maturana, R. H.; Varela, F. J. (2003) *De máquinas y seres vivos: autopoiesis - la organización de lo vivo*. 6ª ed., Buenos Aires: Lumen, 2003.
- Maturana, R. H.; Varela, F. J. (2011) *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 9ª ed.
- Maturana, R. H; Pörksen, B. (2004) *Del ser al hacer: los orígenes de la biología del conocer*. Santiago: J. C. SAÉZ.
- Radin, D. (2013) *Supernormal: science, yoga, and the evidence for extraordinary psychic abilities*. New York: Deepak Chopra Books.
- Van Manen, M. (2016) *Phenomenology of practice: meaning-giving methods in phenomenological research and writing*. New York: Routledge, 2016.